

Apresentação

*y diversa de mí misma
entre vuestras plumas ando*
Sor Juana Inés de la Cruz

Da máquina de narrar em Piglia à abertura de novas possibilidades e hipóteses de leitura pela edição digital, o presente número da *Gragoatá* reúne artigos que revisitam criticamente perspectivas consolidadas, bem como refletem sobre proposições contemporâneas, na consideração do que chamamos “literatura”.

Assim, Scardino e Moraes se questionam sobre as possibilidades de transmissão da experiência e da compreensão dela pela linguagem narrativa a propósito da máquina de narrar de Macedonio no romance *A cidade ausente*, de Ricardo Piglia. E logo a seguir, em contribuição de corte mais nitidamente teórico, Mora revisa os sentidos que assumem as categorias de “intriga” e “narrativa”, observados de diferentes perspectivas contemporâneas que reinstauram os conceitos de estrutura e sistema e que, ao apontar para aspectos cognitivos na construção da intriga e da narrativa, contribuiriam para a reflexão em torno dos vínculos existentes entre narrativa e imaginário social. Antes delas, entretanto, e graças ao corte epistemológico produzido pela Estética da recepção e pela Desconstrução, as concepções metafísicas vigentes acerca da literatura e do pensamento ocidental, que tinham resistido aos embates das diversas tendências formalistas, foram novamente abaladas, tal como o postula o artigo de Borba.

Essas proposições teórico-críticas promoveram conjuntamente uma revisão das histórias da literatura que, ao articular uma discussão em torno das relações entre história, teoria e crítica literárias, passaram progressivamente a dar maior importância, entre outros, a exercícios de uma micro-história, bem como abriram novas possibilidades para o comparativismo, tensionando, através de ambas as práticas, inclusive no Brasil, os limites do nacional, como o expõe o artigo de Domingos. Assim, as proposições apresentadas nos artigos de Mora, Borba, Domingos e Scardino e Moraes

articulariam, de certa maneira, diversas possibilidades de leitura comparativas entre diversos protocolos textuais e de gênero, bem como entre narrativas surgidas em momentos, sociedades e campos distintos das ciências humanas, nas quais a teoria da narrativa textual contribuiu, entre outras, para a compreensão dos aportes recíprocos que historiografia e ficção vêm fazendo desde a Antiguidade até a contemporaneidade, de Tucídides a Guimarães Rosa, como o discute o artigo de Sebastiani, a propósito dos procedimentos de enformação comuns à narrativa de ambos os autores.

Remontando aos modelos clássicos, o artigo de Alvarez, “*Cronotopoi e motivos em Dáfnis e Cloé*”, discorre sobre modos de representação alegórica do *locus amoenus*, bem como analisa os motivos (notadamente amorosos) e os efeitos de sentido a eles associados, no romance antigo “de aventuras de provações” de Longus de Lesbos, em que tempo e espaço passariam a ser duas categorias indissolúvelmente combinadas na narrativa.

Fincada na história e figurada como deslocamento no espaço (alegórico), mas motivada também pelo amor, ao conhecimento e à virtude, a *Commedia* de Dante constitui o objeto da análise estilística proposta por Khede no artigo a seguir, centrada no canto XXVI do Inferno. Nesse canto — dedicado às intrigas dos líderes e políticos que não agiram com as armas e a coragem pessoal, mas com a agudeza da inteligência, com uma “astúcia pérfida”—, Dante faz uma reflexão sobre a inteligência (um dom de Deus) e sobre seu uso pecaminoso, quando movida por um desejo desmesurado de conhecimento que pode levar à perdição se não está guiada pela virtude cristã. No desfecho trágico do canto, o rei de Ítaca relata seu abandono, pela segunda vez, de Penélope e seu filho Telêmaco porque, após vinte anos de viagens, se diz ainda não satisfeito com seu conhecimento de mundo. A viagem de Ulisses ao hemisfério sul é julgada, assim, desde uma perspectiva cristã, que condena tanto a desmesura e avareza quanto o afã desenfreado de conhecimento.

Da colocação em canto da relação conflitiva, porque moral, entre razão e conhecimento ao trabalho hermenêutico sobre a Vulgata, desenvolvido à luz da aparição das Índias no novo (mapa do) mundo, o artigo de Cordiviola lê atentamente os modos como a episteme da época funciona, nos textos colombinos, como exegese (ancorada nas Escrituras e na

Patrística) e como “descoberta” (cuja validação depende, no entanto, de sua inclusão, como vaticínio, nos planos divinos), inaugurando uma era em que a busca pelo conhecimento tensionará a relação entre os paradigmas judeu-cristão e moderno, este menos preocupado com a interpretação moral ou em aberto questionamento dos usos políticos que a tradição judeu-cristã faz dela.

Desse choque de paradigmas surgem, na modernidade, diversas alternativas de leitura do que persistirá sendo considerado como “o outro” pela perspectiva europeia em relação às realidades americanas, mas de que também a intelectualidade americana tirará partido quando estiver disposta a se colocar criticamente diante de suas produções e instituições culturais. Nesta linha poderiam agrupar-se os artigos de Carvalho, Spielmann, Corrêa, Camilo e Silva. Com efeito, Carvalho aproveitará o lugar que a obra do alemão Koch-Grünberg sobre o Brasil ocupa na produção intelectual nacional para apontar o que considera duas características deficitárias da chamada “inteligência brasileira”, quais sejam sua falta de sistematicidade e atenção ao “conhecimento acumulado sobre a diversidade da realidade nacional”, bem como seu “apego pela novidade terminológica”.

Em trabalho comparativo análogo ao de Carvalho, mas invertendo a direção usual das perspectivas de análise, Spielmann se debruça sobre as trajetórias de quatro intelectuais de língua francesa cujas estadias no Brasil revestiram importância central e recíproca, tanto para a produção de cada um deles quanto para as formas institucionais (cátedras, arquivos, coleções) e a produção intelectual brasileira cujo surgimento eles ajudaram a promover. Neste sentido, introduzindo a noção de *trajection* como deslocamento mas também como transgressão, o artigo destaca, por um lado, a importância que as experiências de Blaise Cendrars, Claude Lévi-Strauss e Braudel no Brasil tiveram para a obra contemporânea e futura deles, e por outro lado o papel de Dina Lévi-Strauss na criação de uma cátedra de etnografia moderna, bem como na fundação da Sociedade de Etnografia e Folclore, junto com Mário de Andrade.

A propósito das problemáticas derivadas dessa patrimonialização etnográfica (em particular, da “Coleção-Museu de Magia negra”, incorporada ao Museu da Polícia,

dirigido por Dante Milano por mais de vinte anos) percorrerá, também em chave comparatista, o artigo de Corrêa, propondo um estudo de história cultural em torno do imaginário estético modernista centrado na obra do próprio Milano e de Mário de Andrade.

Ainda sobre os modos como na poesia, mas também na correspondência de Mário de Andrade, ressoa a recepção crítica da própria obra, Wagner Camilo analisa as “Danças” (1924) e “Reconhecimento de Nêmesis” (1926) como “encenação dos dilemas do eu” nos planos ético e estético. Assim, a par do caráter mais experimental da década de 1920, o primeiro poema põe em cena, pela leitura crítica, a progressiva importância que o projeto ideológico iria ganhando sobre o estético entre as décadas de 1920 e 1930; dilemas que, de certa maneira, se explicitam também pelo deslocamento de ambos os poemas para sua publicação em livro mais tardia (*Remate de males* (1930) e *A costela do Grão Cão* (1941), respectivamente).

A propósito já da narrativa marioandradina e lançando mão do “comparatismo da solidariedade” (Abdala Junior), o artigo de Silva propõe uma leitura de *Macunaíma* e *Os flagelados do vento leste*, do cabo-verdiano Manuel Lopes, como obras nas quais se assume como projeto estético a valorização deliberada da tradição oral.

As diversas formas de comparatismo praticadas aqui supõem outras tantas saídas do ensimesmamento cúmplice com diversas estratégias de canonização. Supõem também uma renovação do comparatismo exclusivista inicial e sua reformulação decorrente das aberturas e paradoxos promovidos pelos modernismos questionadores de uma visão homogeneizadora e universalizante (entendida como sinônimo do pensamento eurocêntrico) da primeira Modernidade. Trata-se aqui de um comparatismo que assume mais de um paradigma como marco de referência e se arrisca para além das pautas coloniais, ensaiando uma reflexão em que a história possa ser narrada “em partes iguais”.¹

Assim como Silva, também Braga e Garmes propõem um comparatismo sul-sul, em artigo que se debruça sobre as poéticas indianistas brasileira e goesa para além das restrições impostas pela história da arte europeia e sua consideração dessas poéticas como associadas exclusivamente ao Romantismo. Ao passo que Festino, enxergando para

¹ Cf. Romain Bertrand. Introducción. In: *La historia en partes iguales. Relatos de un encuentro de Oriente y Occidente (siglos XVI y XVII)*. Trad. Mónica Mansour. Paris: Seuil, 2014. Disponível em https://www.academia.edu/9181019/La_Historia_en_partes_iguales_Relatos_de_un_encuentro_de_Oriente_y_Occidente_siglos_XVI_y_XVII_Introduccion_Paris_Seuil_2014 (Consultado em 12/12/2016)

além do plurilinguismo, reflete sobre os sentidos triviais e metafóricos do “vilarejo”, como espaço comunitário que articula um arquivo de narrativas nas línguas concani, marata, inglesa e portuguesa, dando voz a um multiculturalismo heterogêneo e conflituoso em nível literário e político, do século XVI ao XX, tanto em Goa quanto na Índia.

Originada em mais uma reflexão comparatista pós-colonial –Moçambique-Martinica, português-*créole* (de que destacou o segundo termo)—, o artigo de Costa introduz neste número de *Gragoatá* uma das tendências mais ativas da crítica no momento: a dos estudos de gênero. Assim, se debruça sobre os cadernos de Marta no romance *Jesusalém* (2009) de Mia Couto, apoiando na análise da forma autobiográfica sua interpretação da voz feminina para debater, em diálogo com os “murmúrios” das *Novas cartas portuguesas* (2010), a noção de sujeito subalterno.

O artigo a seguir, “Ombres et Lumières de l’île dans *O Senhor das Ilhas*, de Maria Isabel Barreno” propõe, também pela escrita feminina, uma releitura do passado colonial português na África. Ao longo da análise, as noções de gênero, insularidade e sacralidade operam solidariamente com o propósito de apontar os paradoxos de que a narrativa historiográfica não pode dar conta.

Ainda dentro dos estudos de gênero e da condição pós-colonial, o artigo de Sousa, “‘E tu, que achas tu de tudo isto?’: Colonial Women, Memory and Post-Independence in João Paulo Borges Coelho’s *Rainhas da Noite*”, analisa a representação das mulheres colonas nesse romance, a partir da proposta de Laura Padilha sobre a representação das vozes das tradições pré-coloniais nas narrativas africanas modernas.

As diversas modulações que assume a tradição oral associada à representação feminina em contextos pós-coloniais na África, na Ásia e nas Américas permitem aberturas, por um lado, para leituras críticas da balcanização (linguística, cultural, editorial) promovida desde/pelas literaturas europeias coloniais² e, por outro lado, para as mais diversas experimentações com a oralidade nos séculos XX e XXI, as quais revestem funções políticas: do indianismo e o negrismo ao indigenismo e a negritude. De tal maneira, o comparatismo sul-sul articula, no presente, uma leitura crítica descolonizadora à revelia da pretensão de

² Cf. entre outros na América Latina, Ángel Rama. Diez problemas para el novelista latinoamericano. [1972] In: *Crítica literaria y utopía en América Latina*. Sel. e pról. Carlos Sánchez Lozano. Medellín: Univ. de Antioquia, 2006, p. 3-77. Em sentido diverso mas confluyente, os indianos Dipesh Chakrabarty e Partha Chatterjee assumirão um pensamento crítico do colonialismo e da homogeneidade da nação. Cf., do primeiro, *Provincializing Europe: Postcolonial thought and historical difference* (Princeton UP, 2000), e do segundo, *The Nation and its fragments: Colonial and postcolonial histories* (Princeton UP, 1993). Também, o anglo-ganês Kwame A. Appiah, *A invenção da África*. In: *Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, p. 19-51.

globalidade de todo e qualquer pensamento imperial. Mas, ao mesmo tempo, trata-se, muitas vezes, de uma leitura cuja condição de possibilidade é justamente a partilha histórica da experiência colonial. Assim, contra o *logos* colonial, articula-se a “antipolítica da voz”³, da oralidade tradicional revisitada, reativada, refuncionalizada e descolonizadora: dos processos de “crioulização” à linguagem-nação⁴.

Um grupo de artigos a seguir se debruça sobre as escritas de si, o testemunho, a otoficção, em diversos gêneros narrativos, analisados pelo viés da Psicanálise e da Desconstrução. Assim, Ayub reconsidera as relações entre linguagem, abjeção e testemunho no conto “O bebê de tarlatana rosa” de João do Rio, com o propósito de observar, no espaço urbano, aspectos da dinâmica relacional do indivíduo com a coletividade.

Por sua vez, Mônica Fiuza reflete sobre o “estádio do espelho”, a partir de noções da Psicanálise lacaniana. Assim, a análise do conto “O espelho ou esboço de uma nova teoria da alma humana” (1882) de Machado de Assis é aproveitada para enlaçar uma reflexão acerca da ilusão de completude proporcionada pela imagem e do fascínio crescente que ela exerce no contexto atual do ciberespaço.

Já Ribeiro se apoia na noção de *otoficção* como *performance* para ler, em chave desconstrutivista (fora da série dos gêneros literários e, em particular, da autobiografia), *O sobrinho de Wittgenstein*, de Thomas Bernhard, no qual o narrador, anônimo, dá indícios reiterados de compartilhar o nome com o autor. Entretanto, a própria repetição do nome próprio põe em dúvida a verossimilhança dessa identidade (performática) narrador/ator.

Questionando também o estatuto dos gêneros, o artigo de Guenzburger analisa as formas de inversão do melodrama ao longo do processo de montagem de *A maldição do Vale Negro* de Caio Fernando Abreu e Luiz Arthur Nunes, a partir do conceito das fórmulas afetivas (*Pathosformeln*) de Aby Warburg. No contexto da dramaturgia carioca dominada pelas telenovelas e o naturalismo na atuação, a montagem de *A maldição...* questionou esse modelo pela interposição do anacronismo, da sátira (fortemente ancorada em elementos de ordem performática mais que textual) e de elementos que introduziam modulações do excesso em cena, suficientemente apreensíveis, como tais, pelo público. Em outras palavras, uma *performance* que pôs em cena sua “traição” (crítica) deliberada

³ Cf. Mladen Dolar. La política de la voz. In: *Una voz y nada más*. Trad. Daniela Gutierrez e Beatriz Vignoli. Buenos Aires: Manantial, 2007, p. 129-151.

⁴ Cf. Kamau Brathwaite. Historia de la voz. El desarrollo del lenguaje nación en la poesía caribeña anglófona. In: *La unidad submarina*. Ensayos caribeños. Sel., est. prel. e trad. Florencia Bonfiglio. Buenos Aires: Katatay, 2010, p. 117-191.

ao modo de mediação/atuação canonizado pela televisão, promovendo junto ao público o convite para uma experiência compartilhada de pesquisa cênica, “em tempos de descrença política, diminuição de bilheterias e universalização midiática”.

A seguir, atestando mais uma vez a produtividade crítica da desconstrução, o artigo de Brito Jr., “A comunidade do livro...”, analisa as aporias presentes na relação entre política e amizade, e “especula sobre o modo pelo qual a literatura pode ser um dos locais onde reside a política da amizade”.

Os últimos artigos do número estão dedicados à poesia moderna e contemporânea e a preocupações em torno da temporalidade, o ritmo, a tradução, as mudanças promovidas na leitura pela interposição do suporte digital. Assim, o artigo de Fiorussi lê, nas notas deixadas pelo poeta uruguaio Herrera y Reissig para explicar as opções adotadas por ele na tradução de poesia francesa moderna para o espanhol, suas reflexões sobre a nova musicalidade do verso no Modernismo hispano-americano. De acordo com essas notas, o ritmo não estaria inscrito no texto, mas também não seria independente dele; percepção que o leva a defender o uso da “diérese silenciada”, do qual se derivaria um “efeito de instabilidade sonora”, utilizado sobretudo pelos compositores românticos. Nesse sentido, a poesia do uruguaio produz, por meio do recurso a elementos verbais (repetições, ecos, reverberações, paronomásias), ritmos ambíguos e efeitos sonoros que se inscreveriam mais no tempo e no ato da *performance* do que no próprio texto poético. Promovendo uma comunidade entre tradução e escrita poética, o artigo desconstrói, assim, leituras superficiais das poéticas modernistas que procuram a inscrição literal do ritmo no corpo do poema.

A seguir, o artigo de Guizzo sobre a poesia de Felipe Fortuna também se defronta com os problemas da temporalidade e do ritmo mas, neste caso, a reflexão parte da postulação do caráter solidário existente entre a compreensão do ser sobre si e sua manifestação estética. Com esse objetivo, Guizzo apreende, na análise da seção “Seres” do livro *Estante* (1997), diversas formulações do tempo surgidas no âmbito da filosofia e das religiões ao longo das eras.

Por fim, o artigo de Rodolfo Mata reflete sobre a gênese de uma hiperleitura, a partir da preparação da edição digital da obra literária e visual de José Juan Tablada. Em

tal sentido, analisa os modos como o desenvolvimento de dois projetos digitais sobre a obra do multiartista mexicano “afetaram a natureza das práticas de leitura e escrita” das equipes de pesquisa envolvidas neles, ao combinar diversos procedimentos e técnicas que, paralelamente, redundaram na apreciação de aspectos da vida e obra de Tablada desde novas perspectivas. O artigo promove, assim, uma reflexão renovada sobre as noções de arquivo, leitura, coleção, obra, mediante a reconsideração, pela experiência do trabalho crítico, de técnicas e procedimentos digitais para além de sua função como suporte.

Da máquina de narrar à digitalização como possibilidade de experiência de uma hiperleitura, a *Gragoatá* chega a este número, após vinte anos de sua primeira edição, “diversa de si mesma”, porque não organizada em torno de um tópico comum, mas com a excelência acadêmica pela que sempre prezou e que a fez digna do reconhecimento, não já “das plumas”, mas de uma avaliação talvez mais rigorosa: a de seus leitores e colaboradores. Desde sua criação, em cujo processo se destacam as pesquisadoras Laura Padilha e Eurídice Figueiredo —ambas, referências em suas respectivas áreas—, a *Gragoatá* cuidou de manter o voo teórico e a notável projeção nacional e internacional de seu primeiro número, dedicado à “condição pós-colonial”, preservando sua independência intelectual e sua abertura para línguas e culturas até então inusuais em periódicos acadêmicos da área no Brasil, ao mesmo tempo que foi ampliando e atualizando seu repertório de preocupações, suas perspectivas de reflexão e seus modos de circulação.

Niterói, dezembro de 2016

Viviana Gelado

Organizadora